

Comunicação e Educação Remota em Contexto Pandêmico

Remote Communication and Education in a Pandemic Context

Adilson Citelli^[*]
citelli@uol.com.br

Sandra Pereira Falcão^[*]
sandrapfalcao@hotmail.com

RESUMO

Trata-se de estudo exploratório no qual averiguamos interfaces epistêmicas e práticas da Comunicação/Educação ligadas à possibilidade de resgate/reforço da observação e escuta qualificadas como elementos redutores das inquietações que marcam o advento pandêmico, em especial no atinente ao ensino básico. Refletimos, pois, sobre implicações/escolhas/contingências de enfrentamento envolvendo atores sociais em interação comunicativo-educativa a partir do alastramento da Covid-19 em nossa quadra histórica, com ênfase nas preocupações epistêmico-praxiológicas (a)típicas da educação naquele nível de ensino. Para tanto, construímos abordagem teórica em torno da relação sujeito-tecnologias-momento disruptivo, cotizando-a com o exame de cinco artigos escritos por pesquisadores/educadores brasileiros originários de regiões distintas, publicados em 2020, em busca de apontamentos sobre o ensino emergencial no Brasil durante a pandemia.

Palavras-chave: Ensino remoto emergencial. Comunicação e educação. Tecnologias de ensino-aprendizagem. Cenário sociopolítico pandêmico.

ABSTRACT

This is an exploratory study in which we investigate some epistemic interfaces and practices of Communication/Education. These interfaces and practices are linked to the possibility of rescue / strengthening of observation and listening skills as reducing elements of the concerns that rose during the Covid-19 pandemic, especially with regard to basic formal education. Therefore, we reflect on implications / choices / contingencies related to Covid-19 which involve social actors in communicative-educational interactions, with emphasis on epistemic and praxiological concerns typical of basic schooling. To do so, we build theoretical approach around the subject-technologies-disruptive moment relationship, combining it with the examination of five articles written by Brazilian researchers/educators from different regions, published in 2020, in search of data on emergency education in Brazil during the pandemic.

Keywords: Emergency remote teaching. Communication and education. Teaching-learning technologies. Pandemic sociopolitical scenario.

^[*] Universidade de São Paulo (USP). Rua da Reitoria, 374 - Cidade Universitária, Butantã, São Paulo (SP).

Introdução

S*tranger Things* — série criada pelos irmãos Matt e Ross Duffer, lançada em 2016 pela Netflix — alcançou grande sucesso a despeito de haver sido rejeitada por dezoito emissoras de TV antes da plataforma de *streaming* aportar investimento no roteiro. Figueiredo (2018) estuda o universo ficcional representado pela cidade de Hawkins e seu tenebroso mundo paralelo, que “espelha os mesmos lugares, casas, instituições e territórios da cidade” (p. 91), sendo, no entanto, diferente em atmosfera: é sempre escuro, lúgubre, tóxico. Quem dele se aproxima ou para ele é atraído pode ser capturado de modo implacável por um emaranhado de cipós calibrosos, passando ao domínio de seres sombrios, os Demogorgons. “Além de ser um lugar possível de ser acessado fisicamente, o Mundo Invertido passa a se tornar referência para os personagens nas interpretações que eles têm sobre o universo da narrativa. Ou seja, a visão dos personagens sobre o próprio universo [em] que vivem se modifica a partir do reconhecimento deste segundo mundo” (p. 91).

Assim, multivisões coladas à tela em cada um dos episódios esforçam-se por não minimizar detalhes capazes de esclarecer o mistério do mundo invertido, que se vai dando paulatinamente ao conhecimento da audiência. Em uma espécie de metafórica simetria temos nos deparado, no Brasil, com matérias jornalísticas comparando severas distorções factuais em curso no cenário sociopolítico à narrativa soturna criada pelos irmãos Duffer. A maestria no comando das sequências ficcionais faz-nos lembrar — às avessas — outro tipo de profissionalismo, que, em franca ascensão no país, desnuda inédita potência destruidora, ilustrada por termos como “passar a boiada” e congêneres. Intenta, o movimento aniquilador, construir realidade paralela no interior da qual argumentos falaciosos e repertório *nonsense* sobrepõem-se aos fatos valendo-se de indignos malabarismos retóricos. Muniz Sodré, no seu livro *A sociedade incivil* (2021), explora este vetor mostrando que a vigilância eletrônica, o *big data*, a cultura do algoritmo (ZUBOFF, 2021), além de outros fatores atinentes ao capitalismo financeiro e à midiaticização, contribuem para ajustar os lineamentos sombrios da referida realidade paralela, em última análise fortes o suficiente para esgarçar o tecido democrático e a promoção do bem comum.

Em meio à corrosão das instituições alcançou-nos a crise sanitária, trazendo consigo o arrefecimento dos ânimos e o comprometimento dos afetos. A pandemia expressa na Covid-19 sobreveio como *puzzle* a ser remontado sobre outro quebra-cabeças cujas peças não

se encaixam e, pior, alteram seu formato misturando-se ao Hades algorítmico (O’NEIL, 2020). Daí existir o crescente uso de uma locução enunciada como se fosse mantra dos tempos correntes: estado de exceção. Walter Benjamin, ao escrever as suas *Teses sobre o conceito de história* (1987), insiste que o termo exceção, quando enviado às formas de estado regidas pela lógica do capital, deve ser substituído pelo seu efetivo correspondente: a regra geral. Ou, como formula Citelli (2021, p.8):

(...) O que se esclarece são os escombros, a ruína, o fêretro repetido mais de um milhão de vezes nas várias partes do mundo. E há os nossos próprios doentes e mortos, assim como as vítimas colaterais abandonadas à margem, haja vista que a sociedade desigualitária (PIKETTY, 2020) resolveu entregar a compaixão e o sentimento mais elementar de solidariedade e de justiça ao movimento nervoso dos operadores de mercado presos ao cristal líquido das telas, aos profetas de espírito contabilista, aos ecocidas encastelados em órgãos governamentais que deveriam cuidar do meio ambiente, aos populistas acalentadores de milícias e projetos econômicos que não se envergonham de punir os já punidos e prognosticar um futuro venturoso cujo passado construído ao som das trombetas apocalípticas teima em se avolumar.

E no interior deste quadro — atrás do qual paira ambiência assemelhada à da série *Stranger Things* — vem se naturalizando o uso do sintagma ‘novo normal’. Seria importante indagar, particularmente quando miramos o contexto brasileiro, em quais momentos da nossa história o estado de exceção foi suspenso.

Atingida em cheio pela premência do ‘que fazer?’, a Educação mergulhou num espaço indefinido, valendo-se, porém, de todos os faróis, lanternas, fachos de luz que pôde acionar.

A partir das orientações da UNESCO (2020) para o enfrentamento da pandemia de Covid-19, as escolas assumiram o ensino remoto. Da educação infantil ao ensino superior, tiveram suas atividades de ensino suspensas a partir da segunda semana de março, sem previsão de retorno, e o Ministério da Educação determinou a não obrigatoriedade dos 200 dias letivos, desde que fossem cumpridas 800 horas anuais. Estudantes passaram a receber educação escolar em seus lares. Atividades

pedagógicas, orientações instrucionais, materiais didáticos agora convivem com a realização do trabalho por parte de muitos pais, com o convívio compulsório entre irmãos e parentes, com animais de estimação, enfim, todos disputando espaços para estudo, trabalho e lazer, enfrentando problemas tecnológicos para comunicação e dificuldades de acesso. (SARTORI, 2021, p. 64)

O “ensino de emergência” ou “ensino de crise” (RICHMOND *et al.*, 2020) deflagrado em nível planetário (multidimensional e desigual) conduziu-nos de chofre a reflexões atinentes às *escolhas em movimento*. Inúmeras deliberações daí resultantes, conquanto guiadas por alguma racionalização, têm escancarado inquietações em torno dos processos educativo-comunicativos e seus atores no *twist* global.

Destarte, conforme procuramos suprir necessidades mais imediatas de comunicação apelando diuturnamente ao aparato virtual, o ineditismo das situações que nos envolvem concorre para multiplicar *experiências de déficit* ou *experiências de alienação*, configuradas na ruptura de nosso relacionamento com o mundo. No espaço físico antes tão palpável, a percepção coletiva passou a ser a de que “as maçanetas, o corrimão, tudo pode estar contaminado. Você não pode mais abraçar as pessoas, desconfiamos delas. O relacionamento com o mundo é perturbado por isso.” (ROSA, 2020, s/p).

Ademais, as longas horas na internet, vivenciando a tríade refúgio/trabalho/contato remoto-com-gente, representa, para muitos, fugir à perturbação do mundo real — convertida, entretanto, em experiência de fastio e exaustão relatada amiúde nos canais de informação disponíveis. É compreensível, pois, o lançamento de tantos livros e escritos como ‘diários da pandemia’. No vetor aqui colocado — da exaustão, tédio, angústia —, prolifera a busca por sobrevivência substanciada na atividade social da escrita. Franco Berardi (2020), em seu ‘diário’ *Extremo* — que tem o curioso subtítulo de ‘*Crônicas da psicodetração*’ — aponta que o agravamento da síndrome representada pela metáfora da deflação psíquica, decorre, dentre outras circunstâncias, do ‘cárcere privado’ posto repentinamente na vida das pessoas. Estas se veem contingenciadas a dividir entre poucos e por longos períodos um mesmo espaço doméstico. A psicanalista Sophie de Mijolla-Mellor (2020, p.124) explora o termo “copresença forçada”, passível de deslocar o outro para “uma posição de perseguidor potencial”, capaz de subtrair-lo de si mesmo e transportá-lo para um lugar psíquico além de seus limites.

Ser olhado pelo outro é essencialmente ser congelado, estar alienado no que se dá a ver de si enquanto nós mesmos não sabemos o que o outro vê e reclamamos a liberdade de não ser reduzidos a essa aparência. Independentemente da qualidade positiva ou negativa de sua apreciação, o olhar do outro nos faz perder o domínio da situação. Eu organizava o mundo em torno de mim e eis aí que um outro faz o mesmo e eu sou reduzido à condição de um objeto de seu mundo. (MIJOLLA-MELLOR, 2020, p. 124)

Em meio ao que Citelli (2021, p. 207) nomeia “retórica da asfixia”, há, ao mesmo tempo, relatos positivos que emergem da elasticidade aprendida no longo exercício de resiliência — como os relativos à experimentação involuntária da sociedade do decrescimento proposta por Latouche (2009) e/ou à consciência de uma comunhão geradora de solidariedade, de alguma maneira democrática, como sugere Boaventura de Sousa Santos. Assim:

Torna-se possível ficar em casa e voltar a ter tempo para ler um livro e passar mais tempo com os filhos, consumir menos, dispensar o vício de passar o tempo nos centros comerciais, olhando para o que está à venda e esquecendo tudo o que se quer mas que só se pode obter por outros meios que não a compra. A ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos cai por terra. Mostra-se que só não há alternativas porque o sistema político democrático foi levado a deixar de discutir as alternativas. Como foram expulsas do sistema político, as alternativas irão entrar cada vez mais frequentemente na vida dos cidadãos pela porta dos fundos das crises pandêmicas, dos desastres ambientais e dos colapsos financeiros. Ou seja, as alternativas voltarão da pior maneira possível.” (SANTOS, 2020, p. 6)

Neste insólito revés para a humanidade, “a relação entre a Comunicação e a Educação passa a ter amplitude e conexões cada vez maiores, exigindo mais habilidades e competências para lidar com os desafios”, conforme Gomes e Baptaglin (2020, p. 3). As autoras destacam o gargalo expresso pelas situações urgentes e emergentes despercebidas e/ou cujas soluções foram postergadas (mormente no âmbito da Saúde e da Educação) e que agora recaem sobre nós, haja vista a “falta de sincronismo

entre metas e suas implementações” (pp. 2 e 6). Destarte, embora instituições privadas como Google, Microsoft, Facebook, Coursera, KPMG, entre outras, apresentem-se na condição de parceiras a contribuir com recursos e expertise, ampliando conectividade e fortalecendo interações, os professores carregam neste instante o peso de exercer a docência em “um não-lugar entre o caos e a criação” (CARNEIRO, 2020, p. 11). Enquanto isso, alunos e alunas clamam para que os/as docentes levem a termo aulas criativas, não façam excessivo uso do Powerpoint, menos ainda peçam atividades e tarefas incabíveis no espaço-tempo doméstico — dentre outras queixas. E, *last but not least*, há grande número de discentes que manifestam saudade da escola antes da pandemia¹.

Propomos, aqui, reflexão teórico-prática sobre esse momento conturbado, tendo em vista o corolário dos desafios múltiplos enfrentados nos espaços de escolarização, sobretudo por gestores, docentes e pesquisadores diretamente envolvidos na educação formal básica. O olhar algo cientométrico, voltado à busca de artigos que pudessem representar, à queima-roupa, protopercepções de pesquisadores nacionais para a composição de nosso *corpus*, é posto diante de arcabouço teórico mais amplo. Nosso esforço avança no sentido de concretizar um vai-e-vem por frestas e flancos recém-abertos pela nefasta visita virótica e seus primeiros desdobramentos na práxis educativa formal.

Acelerando para o futuro, nós o perdemos de vista

Marc Augé perguntava-se, em 2011, sobre a “realidade social e política de um mundo onde muitos se sentem, a um só tempo, arrancados de seu passado e privados de seu futuro” (AUGÉ, 2012, p.44). O antropólogo francês tratou, na obra *Para onde foi o futuro?*, das contradições com aparência de mentiras vinculadas a um espaço planetário oferecido como aberto a todos, mas prenhe de interdições. Embora não estivesse, natu-

ralmente, pensando no cenário pandêmico atual, Marc Augé antecipou o abismo para o qual a aceleração em busca do sempre mais nos conduzia. Fomos tão além que tropeçamos coletivamente nas próprias pernas, imobilizando-as diante de um invisível e potente inimigo.

Para Hartmut Rosa, em entrevista concedida ao *Der Tagesspiegel*² (2020), “O vírus é o desacelerador mais radical de nosso tempo”, convertendo-se, entretanto, em componente de outro tipo de aceleração. Refém da indisponibilidade física em escala sem precedentes, a sociedade mundial tenta desesperadamente restaurar a disponibilidade, retornar à aceleração progressiva. Para tanto, afirma o sociólogo alemão, continua a acelerar no mundo online — ainda mais —, alimentando agora a ‘roda de hamster digital’ (s/p, trad. nossa).

Ainda na mesma entrevista, o autor afirmou esperança inicial – em meio à alienação e à perplexidade geradas pelo advento pandêmico —, com a possibilidade de as pessoas pausarem o sem-número de atividades externas e conseguirem voltar-se a um estado de atenção ressonante³. Para além dos exercícios que normalmente fazemos de 1) tentar colocar tudo sob nosso domínio [controlar, gerenciar, otimizar, mantendo as lógicas progressas] e 2) escapar para as redes sociais postando algo aqui e ali [também à maneira de ‘sempre’], seria importante fazer prevalecer um segundo modo de lidar com a situação alienante em que caímos: tornar a “ouvir a nós mesmos e ao mundo”. (ROSA, 2020, s/p).

Para essa escuta qualificada de nós e do nosso mundo, ler as entrelinhas torna-se hoje tão ou mais importante do que apurar a visagem sobre as linhas propriamente ditas, no sentido de que elas não se acham mais tão nítidas. Na enevoadada vereda do nosso entorno seguimos — individual e coletivamente —, buscando o outro com o olhar, os gestos, as palavras, a partilha d’alma. Talvez resida neste movimento a busca de luzes capazes de nos fazer enxergar em meio à intensidade da neblina.

Das entrelinhas nos processos comunicativo-educativos a desenrolar-se enquanto aguardamos alguma

1 – Ver pesquisa realizada pelo Sindicato dos professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP)/Vox Populi. <http://www.apoesp.org.br/publicacoes/pesquisa-2021/pesquisa-quantitativa-apoesp-vox-populi-2021-2/>

2 – Jornal diário alemão.

3 – Rosa (2021, s/p) define ressonância como o encontro de diferentes planos concernentes à nossa maneira de ser/estar no mundo. Dentro de um ambiente não previsível representado pelas transformações em curso, a ressonância inclui a “afecção” (sentir-se verdadeiramente tocado ou movido por alguma coisa); a “emoção” (ser capaz de reagir alcançando respostas); a “transformação” (tornar-se uma pessoa diferente após os dois primeiros eventos/estados d’alma). O autor desdobra a ressonância em quatro eixos: 1) o “social/horizontal” (amor, amizades, relações políticas); 2) o “diagonal/material” (trabalho, educação, esportes); 3) o “vertical/existencial” (religião, natureza, arte, história); 4) o “autoeixo” (corpo, psiquê, emoção, memória).

espécie de reequilíbrio nas relações sociais afetadas pela pandemia, buscamos escapar, malgrado em tempos intercalados, da *roda de hamster digital* acima referida, na qual vemo-nos quase todos a correr parados.

Ensino-Dúvida-Aprendizagem

Richmond *et al.* (2020) discorrem sobre a pausa necessária para entender melhor como os processos de ensino e aprendizagem podem tornar-se mais eficazes a partir do cenário que ora se nos desenha. No editorial *The Critical Need for Pause in the Covid-19 Era*, apontam três variáveis fulcrais: a primeira diz respeito ao conhecimento necessário para ensino-aprendizagem (presencial, online, híbrido); a segunda envolve as transições cognitivas, sociais e emocionais vivenciadas pelos alunos quando adentram novas plataformas e diferentes dinâmicas de aprendizagem (implicando, para alguns deles, trauma substancial); a terceira variável busca entender os tipos específicos de suportes necessários a estudantes e professores para tornar mais eficaz o aprendizado e a tarefa de ensinar. Essas impressões, lastreadas no cenário norte-americano, não deixam de ser extensivas a ensinantes e aprendentes de todas as latitudes, conquanto representem dramas muito maiores para os países nos quais a excessiva desigualdade fragiliza o acesso rápido e em larga escala à digitalização do ensino — inclusive para muitos docentes. Citelli, Fígaro e Nonato (2020, s/p) sublinham:

(...) pesquisas como a do IBGE 2018 e a TIC Domicílios 2019, mostram inúmeras carências para se produzir ensino remoto: quase 30% das moradias não têm internet; 57% dos computadores estão sem condições de rodar programas mais pesados. Aquelas fontes mostram, ainda, como os problemas se agravam quando verificada a distribuição da infraestrutura tecnológica por regiões do país e pelas faixas de renda. Aqui, o nosso velho e conhecido desigualitarismo, tratado largamente por Thomas Piketty, apenas deixa claro o estado de emergência que nos faz companhia.

Prazeres, Gil e Luz-Carvalho (2021, p. 15) pontuam situações interativas virtuais entre coordenadores pedagógicos e regentes de sala, nas quais constatam que “o desprovimento de dispositivos de qualidade, como no-

tebooks, celulares com boas câmeras e internet, dificultou o trabalho dos docentes”. Chamou-nos a atenção, também, frase proferida por uma das coordenadoras escolares entrevistadas pelas autoras. Enquanto destacava o fato de todos os professores do seu grupo terem acesso à internet, ela citou dificuldades enfrentadas por docentes cuja residência em áreas periféricas e zonas rurais influía negativamente nalguns aspectos: “Mudamos o horário do HTPC [horário de trabalho pedagógico coletivo], porque uma das professoras precisa subir em um morro para pegar o sinal.”. Acrescentou, ainda, que nos três primeiros meses da pandemia (algo em torno de março a maio de 2020) a preocupação central era a “gestão emocional do professor”. Este, em especial, tem vivenciado muito de perto o escorregamento de encostas (ROSA, 2013, 2016) representado pela tensão entre a urgência de pausas para pensar/repensar as estratégias de acesso quantitativo e qualitativo aos alunos e alunas e a premência de “sair fazendo”, mesmo sem imaginar resultados precisos.

Nesta direção apontam Saraiva, Traversini e Lockmann (2020, p. 17):

A docência nos tempos de pandemia é uma docência exausta, ansiosa e preocupada. Que quer acertar, mas que avança no meio da incerteza e da adversidade — e que não tem a menor ideia do caminho. Como todos, os professores estão imersos em uma névoa e seguem através dela, buscando fazer o melhor, mas sem garantias.

Trata-se de um período no qual vimos emergir a criatividade e a coragem para a experimentação, afirma Edilane Teles, professora da Universidade Estadual da Bahia e idealizadora da formação docente online oferecida gratuitamente por seu grupo de pesquisa, o Polifonia, em associação com a RadioEdu e com o grupo Mediações Educomunicativas da ECA/USP (MECOM). O curso objetivou, por meio do ensino remoto — apesar dos ruídos e imprevistos —, auxiliar os/as docentes seja no entendimento das ações comunicativo-educativas emergenciais seja na própria autocompreensão acerca do momento vivido e das práticas efetivadas.

Passo semelhante empreenderam agentes da educação em cenário lusitano quando, após período de intensa experimentação, reuniram suas percepções no e-book intitulado *Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção*⁴. O prefácio de João Costa, Secretário de Estado adjunto e da Educação português, enuncia:

4 – Referências completas ao final deste artigo.

A coleção de testemunhos e de reflexões é o primeiro passo para que as práticas eficazes se multipliquem e para que a teoria não se elabore sem as evidências dessa escola real, ainda que num contexto que nos parece surreal. Levaremos desta pandemia novas técnicas e meios. Mas só levaremos mudança se os velhos desafios da mobilidade social, da justiça educativa, da inclusão, tornados agora tão evidentes, forem definitivamente assumidos como a função principal da escola. (COSTA, 2020, p. 6)

A pletera de artigos originados no contexto surreal nomeado por Costa põe à tona as arestas da mudança esmiuçada por Sérgio Abranches quando sequer imaginava, ao lançar *A Era do Imprevisto*, em 2017, uma intercorrência sanitária tão dramática como a que hoje enfrentamos.

A mudança pela qual passamos não é linear; nem a continuidade ampliada do que temos. É disruptiva. Caótica. Estamos no limiar do caos, entre a ordem que desvanece e o que aparece como aleatório. Estamos nas fronteiras da máxima complexidade. De máxima densidade histórica, de passado no presente, e ausência de história nos fragmentos potenciais de futuro, já igualmente presentes. (ABRANCHES, 2017, p. 25)

Essa passagem parece ter sido escrita no momento em que tomamos conhecimento do ‘vírus soberano’ referido por Donatella di Cesare (2020), tal a aproximação com a vivência hodierna. A seguir buscaremos entender, considerando um conjunto de artigos acadêmicos postos em circulação por periódicos científicos, como o sinuoso percurso no qual estamos envolvidos repercute no âmbito educacional⁵.

Apontamentos metodológicos e desdobramentos analíticos

No bojo das preocupações que expusemos acima, e visando a reconhecer como as manifestações acerca do ensino emergencial na pandemia se revelam, selecionamos, para efeito de análise, cinco artigos de pesquisadores/educadores brasileiros — todos publicados em 2020. Os termos-chave da extração inicial, operada na plataforma Google Acadêmico, foram: ensino remoto/ensino emergencial/ensino remoto emergencial/ pandemia/Covid-19. Após leitura verificadora da presença da temática em tela nos *papers* recolhidos, acionamos critérios filtrantes vinculados às ideias de educação básica, território⁶ e ciência, intercruzados. Desse modo, a) contemplar as regiões norte, sul, sudeste, nordeste e centro-oeste do Brasil pareceu-nos essencial, haja vista o caráter de abrangência territorial dos textos selecionados/escolhidos/analizados; b) refinar o material encontrado incluindo a verificação dos lugares de vida e fala dos cientistas envolvidos nas produções (unidade federativa-lócus de trabalho, pesquisas às quais se dedicam, outras publicações dadas à comunidade acadêmica) tornou-se inerente; c) certificarmos-nos da publicação dos textos em revistas científicas brasileiras permitiu-nos, sem preocupações com métricas redutoras, valorizar o olhar dos pesquisadores-educadores como balizas confiáveis para nosso percurso exploratório no âmbito da práxis; d) finalmente, procedemos a releituras cuidadosas de cada trabalho, para confirmarmos sua relação com o momento vivido pela educação básica formal em solo brasileiro.

Tais escolhas metodológicas facultaram-nos perscrutar produções pouco numerosas, recentes, publicadas em revistas científicas nacionais, as quais sinalizavam, quanti-qualitativamente e no calor da hora, preocupações mais urgentes visualizadas por profissionais engolfados pelo turbilhão covídico. O parâmetro a orientar a organização das ideias arroladas no *corpus* foi, a priori,

5 – Convém rememorar que o conceito de Educomunicação, presente na obra de Mario Kaplún e ampliado e desdobrado por Ismar de Oliveira Soares e outros pesquisadores na interface Comunicação e Educação, alarga-se no sintagma *Ecossistema Educomunicativo*, amplamente estudado pela professora Ademilde Sartori (Universidade do Estado de Santa Catarina) no artigo *Ecossistema educacional: comunicação e aprendizagem em rede*, Revista Linhas (ver referências completas ao final deste trabalho).

6 – Acerca da noção de território, mantivemos em mira as novas percepções de territorialidade no mundo contemporâneo explicitadas por Rogério Haesbaert: “Como no mundo contemporâneo vive-se constantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios. Ora somos requisitados a nos posicionar perante uma determinada territorialidade, ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controle espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder e de identidade. Isto resulta em uma geografia complexa, uma realidade multiterritorial (ou mesmo transterritorial) que se busca traduzir em novas concepções, como os termos hibridismo e “glocal”, este significando que os níveis global e local podem estar quase inteiramente confundidos.” (HAESBAERT, 2006, p. 121).

aprender a nuvem de termos representativos tanto dos fatores tecnoeducativos em discussão pelos/as autores/as quanto dos sentimentos, aflições, projeções, queixas apurados/recolhidos por eles/elas em seu mergulho no problema em questão. Tentamos observar a predominância/reiteração de alguns aspectos em vários dos textos e também quais olhares surgiam para além do conjunto de queixas naquele primeiro momento. Cientes estivemos, é fato, de que naquele espaço temporal de coleta dos dados não nos seria possível ensejar análises quali-quantitativas amplificadas, em razão da incipiência dos achados. Assim, nossa intencionalidade girou em torno da vereda metodológica acima detalhada. Foram, então, objeto de verificação os seguintes artigos:

- **Região Sul.** *A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente* [Revista **Práxis Educativa** - Ponta Grossa – Paraná/ publicado em 14/08/2020]. Autoras: Karla Saraiva; Clarice Traversini; Kamila Lockmann.
- **Região Centro-Oeste.** *(Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto* [Revista **Com Senso** – Brasília/ publicado em ago.2020]. Autoras: Cristiane Alves Cardoso; Valdivina Alves Ferreira; Fabiana Carla Gomes Barbosa.
- **Região Nordeste.** *Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula* [Revista **Interfaces científicas** – Aracaju/ publicado em ago.2020]. Autores: Sidmar da Silva Oliveira; Obdália Santana Ferraz Silva; Marcos José de Oliveira Silva
- **Região Sudeste.** *Educação e covid-19: a arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem “prioritariamente” pelas TDIC* [Revista **IFES Ciência** – Espírito Santo/ publicado em 13/06/2020]. Autores: Josiane Brunetti Cani; Elizabete Gerlânia Caron Sandrini; Gilvan Mateus Soares; Kamila Scalzer.
- **Região Norte.** *Educação a distância em tempos de pandemia: entre os híbridos e agenciamentos de uma experiência* [Revista **Científica em Educação a Distância** – Rio de Janeiro/ publicado em 19 ago. 2020/ *paper* sobre Amazônia e região]. Autoras: Jucimara Canto Gomes e Zeina Rebouças Corrêa Thomé

Para efeito de análise, inter cruzamos os diferentes e mais reiterados aspectos constantes de nosso *corpus*, elaborando, resumidamente, a proporcionalidade categorial⁷ apresentada na **figura 1**.

Em ordem de frequência, da maior para a menor, pontuamos na figura 1 os principais vetores de preocupação encontrados. Observamos aspectos que aqui chamaremos ‘centrais-periféricos’, relacionados à peleja imposta a gestores educacionais, docentes e discentes — e suas famílias — para a suplantação dos óbices aflorantes enquanto eram buscadas soluções temporárias para o ensino remoto. Nota-se, no referido quadro, a majoritária preocupação em redor do ‘como formar em movimento’ os/as docentes, de maneira a se capacitarem e, *pari passu*, produzirem imediato retorno para a efetivação das práticas de ensino-aprendizagem concretizadas pela via remota. O acesso desigualitário aos recursos tecnológicos indispensáveis a esse fim, as disparidades geográficas que impedem a aplicação de recursos os mais simples — como a distribuição de material escrito, a entrega e recolha de cadernos para correção —, além dos deslocamentos físicos restritos, tanto por parte de professores quanto de estudantes, bem como o estresse pessoal e coletivo a envolver ambas as categorias empataram em terceira posição no rol de preocupações. Em quarto lugar, chegam juntas as desordens emocionais — acometendo, sem exceção, a totalidade dos atores no cenário da educação —, somadas à percepção de que faltaram não só políticas públicas capazes de impedir o estiramento extremo dos sistemas de ensino, mormente os públicos, mas também planos emergenciais de contingência, apoiados em legislação educacional e sanitária, que ajudassem a içar velas e lançar âncoras concomitantemente. Os itens do sétimo ao décimo-terceiro lugar elencados na figura 1 apontam discussões que circundam: a) aspectos socioeconômicos a limitar acessos ao ensino virtual; b) quais providências administrativas entraram/entrariam/

7 – O levantamento minucioso das ideias apreendidas em cada um dos trabalhos, em seu estado bruto, pode ser conferido nas tabelas constantes do link: https://docs.google.com/document/d/1_tjNo75m52EANKLPgesXBM-2oZEh3F3V/edit?usp=sharing&ouid=111341268841422770304&rtopof=true&sd=true



Figura 1. Categorias nas quais foram agrupadas as ideias expostas nos papers e sua frequência de aparição.
Figure 1. Categories into which the ideas exposed in the papers were grouped and their frequency of appearance.

Fonte: os autores

entrarão em campo para minimizar esse e outros impactos no cotidiano docente e discente; c) quais as possibilidades de imaginar uma reinvenção da escola considerando severas disparidades constatadas entre diferentes redes de ensino, sobretudo no auge da travessia pandêmica; d) como compreender e aplicar vetores da EaD e do Ensino Híbrido no cenário de educação remota emergencial; e) quanto e de que maneira é preciso investir no letramento digital capaz de promover curadoria de qualidade para a melhor compreensão das linguagens em circulação nas mídias digitais e consequente ampliação dos filtros críticos inerentes a esse contato; e, finalmente, f) como as alterações abruptas no mundo do trabalho (demissões em massa, aumento da carga horária tanto para preparação e administração das aulas quanto para autoformação ou formação assistida emergencial, dentre outras dificuldades) exigiram dos professores e professoras o olhar sobre a legislação trabalhista, incluindo acionamento da assistência sindical. Ainda assim, de alguma maneira, as escolas procuraram (e continuam a fazê-lo) alternativas que garantissem acesso/inclusão, conforto emocional e físico, segurança, superação das dificuldades de ensino-aprendizagem e das contingências a elas vinculadas.

E de repente, sem termos tempo para nos prepararmos, o campo lexical da escola alterou-se e passou a incluir palavras como aula síncrona, distanciamento, plataforma, COVID19, máscara, chat, online, gel...” (COSTA, 2020).

Alumiado por uma lanterna cujo tênue fecho oscila o tempo todo, gerando intermitências visuais, desdobra-se diante de nós caminho no qual é evidente a iniquidade das tecnologias e das linguagens, de modo a comprometer severamente o aspecto democrático dos enfrentamentos cotidianos em sala de aula e no lar — então transformado em espaço educador adscrito a nova categoria:

escola oficial-informal-presencial-e-a-distância.

Entre coincidências de abordagem e levantamento de variáveis específicas, vemos, dentro desse novo campo lexical ensejado pelo advento pandêmico, que os tópicos referidos na figura 1 espraiam-se nos meios de comunicação e estão sendo aprofundados em pesquisas científicas nacionais e internacionais⁸. Em boa medida, a inflexão educacional envida esforços no propósito de abordar as relações sujeito-tecnologias (no que concerne diretamente ao problema situado neste artigo), tendo como público de referência docentes e discentes.

Cabe ressaltar a dificuldade desse movimento face à unicidade de uma circunstância histórica na qual a estabilização dinâmica ultra-acelerada referida por Rosa (2013, 2021a) transmuta-se em profundo questionamento de estruturas educacionais pré-organizadas, conduzindo-as a uma desaceleração insólita. Conquanto com diferenças de abordagem, os sistemas escolares pelo mundo viram ruir certezas de terra firme nas fendas abertas pelo vírus. Deste modo, a ideia da ressonância como cola social em favor do bem comum (ROSA, 2021a) tornou-se mais perceptível mesmo àqueles cidadãos menos afeitos ao abandono de sua bolha rotineira. Envolvidos por denominador comum, experimentamos todos — em escala maior ou menor — sentimento(s) asfíxiante(s), corroborados pela insurgência vocabular em riste.

De algum modo, a retórica da asfixia posta em movimento pelo coronavírus — abarcando termos como distanciamento social, confinamento, interdição das intimidades, testagens, vacinas, luto, vida remota, controle digital, *lives*, imunização, infectologista, virologia, falta de ar (CITELLI, 2021) — encontra seu paralelo na tensão/retenção respiratória comum aos personagens da série televisiva aludida no início deste artigo.

Prosseguem, como em *Stranger Things*, nossas escolhas em movimento — às vezes com a respiração descontínua e, no caso brasileiro, em meio aos escombros

8 – Uma rápida verificação nos buscadores digitais mais populares revelam miríades de matérias jornalísticas acerca dessa temática, bem como plethora de artigos científicos abordando, sob os mais diversos ângulos, questões vinculadas às chaves vocabulares *ensino-remoto-emergencial-covid-pandemia*. No mês de setembro/outubro de 2021, a inserção desse conjunto de termos no Google Acadêmico revelou 5.760 resultados – considerando-se apenas os redigidos em língua portuguesa. Em âmbito nacional, citemos algumas pesquisas basilares: *Painel TIC COVID-19 pesquisa sobre o uso da internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus* / 3a edição: Ensino Remoto e Teletrabalho (CETIC, 2020); *Sentimento e Percepção dos Professores Brasileiros nos Diferentes Estágios do Coronavírus no Brasil* (Instituto Península, 2020); *Pesquisa Educação, Docência e a COVID-19* (Instituto de Estudos Avançados-USP / USP Cidades Globais, 2020); *Pesquisa Undime sobre a volta às aulas 2021* (UNDIME, 2021); *Percepção de professores, pais e estudantes sobre os impactos da pandemia na escola pública do estado de SP e as aulas presenciais* (APEOESP/VOX POPULI, 2021). Para uma primeira aproximação do que emerge no cenário global da pesquisa sobre o foco ao qual nos dedicamos, consultar o repositório de documentos da UNESCO (UNESDOC Digital Library): <https://unesdoc.unesco.org/search/4eef2b0e-e70a-4075-aa48-dddf3ae31a54>.

do derredor sociopolítico. Consideremos especificamente os quatro questionamentos mais frequentes dentre as preocupações por nós encontradas no material das publicações expostas acima — 1) como formar professores ‘em movimento’?; 2) como realizar operacionalização tecnológica satisfatória às necessidades do ensino-aprendizagem no momento pandêmico e nas fases subsequentes?; 3) como apoiar os professores na lida com excesso de trabalho e pressões temporais sem que seu *myster* culmine em *burnout*?; 4) como prover e incrementar acesso virtual e geográfico das comunidades escolares à concretude das inter-relações humanas inerentes ao processo educativo-comunicativo?

Diante da urgência em prover encaminhamentos de qualidade para solucionar/minimizar as dificuldades aventadas — numa verdadeira corrida contra o tempo —, faz-se inarredável aprofundar o olhar, colher as múltiplas narrativas de membros das comunidades escolares e seus gestores, transmutá-las em inspirações para políticas públicas. Isso sem olvidar o combate às discrepâncias sociopolíticas da vez, as quais atuam, não raro e na contracorrente do bom senso, fornecendo massa escura para o mundo invertido por elas representado. Ficam em aberto, pois, os caminhos comunicativo-educativos a serem perseguidos visando a prover protocolos qualitativos voltados ao enfrentamento dos problemas evidenciados nos *papers* sobre os quais nos debruçamos neste breve recorte exploratório.

Conclusão

Neste artigo buscamos, após o exame do contexto glocal que marca a presença da pandemia da Covid-19 no Brasil, analisar um conjunto de trabalhos publicados em periódicos científicos, cujo conteúdo volta-se ao esclarecimento das dificuldades/angústias/limitações/pedidos de resignificação/etc a atravessar a educação formal. Tal procedimento intentou observar o problema sob perspectiva posta na interface comunicação-educação e suas expansões no terreno educacional.

O acompanhamento crítico/reflexivo das produções examinadas permitiu-nos compreender parte

do que foi colocado em circulação no momento de coleta do material e, de alguma forma, postula servir de indicador para ações futuras no âmbito das relações entre sistemas e processos comunicacionais e dinâmicas escolares, dos nexos entre discentes e docentes numa circunstância de crescente presença dos dispositivos digitais, da educação midiática, para ficarmos nalgumas linhas de força que circundam o problema em tela.

Em perspectiva mais abrangente, as publicações escrutinadas apontam um processo de busca que incorpora a dupla corrida (imprescindível e urgente) por apoio (institucional e material) a docentes e discentes visando a concretizar vínculos capazes de manter em andamento ao menos uma parcela dos programas de ensino que foram definidos em períodos anteriores ao da disseminação da Covid 19. Avanços surgiram a partir de sinergias e esforços comuns (professores/as, alunos/as, famílias, gestores/as) no sentido de não se enfraquecerem laços educativos pregressos, conquistados a duras penas, face ao sentimento geral de que muitos liames convergentes às relações de ensino-aprendizagem foram esgarçados.

Importa destacar, outrossim, a terminologia da educação híbrida — que embora não apareça entre as primeiras menções nos artigos revisitados, configura-se modelo proposto quase como solução mágica para contornar, inclusive, aspectos muito pouco circundáveis sem um projeto consistente de investimento na Educação nacional ou, no mínimo, um plano emergencial estruturado. Os principais tópicos elencados nos *papers* esclarecem a manutenção de um mosaico constituído não apenas por preocupações com as tecnologias e fazeres pedagógicos, mas também — e sobretudo — por fissuras políticas, econômicas, de saúde pública, dentre outras. Ao incidirmos sobre os pontos específicos da realidade educativa formal, a exemplo daqueles referentes à formação docente voltada aos desafios interpostos contemporaneamente pela comunicação, deparamo-nos com um laborioso caminho a ser percorrido pela educação e no interior do qual a expressão ‘novo normal’ apenas esclarece a permanência do estado de exceção.

Referências

- ABRANCHES, S. *A Era do Imprevisto* – a grande transição do século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ALVES, J. M.; CABRAL, I. (orgs.). *Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020. Disponível em: http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Ensinar_e_aprender_em_tempos_de_COVID_19.pdf?fbclid=IwAR0Kgfz1-c9-Qk6Z1-OpG-1405Gu4hyLb8w3e8JnuA2hnbuxYQByPW72jBaw. Acesso em: 27 mai. 2020.
- AUGÉ, M. *Para onde foi o futuro?* Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito de história. *Obras escolhidas* v. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERARDI, F. *Extremo. Crônicas da psicodifusão*. São Paulo: Ubu, 2020.
- CANI, J. B.; SANDRINI, E. G. C.; SOARES, G. M.; SCALZER, K. EDUCAÇÃO E COVID-19: A arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem “prioritariamente” pelas TDIC. *Revista Ifes Ciência*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 23-39, 2020. DOI: 10.36524/ric.v6i1.713. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ric/article/view/713>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- CARDOSO, C. A.; FERREIRA, V. A.; BARBOSA, F. C. G. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 38-46, ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/929>. Acesso em: 28 set 2020.
- CARNEIRO, A. 2020 _Um (não) lugar entre o caos e a criação. In: ALVES, J. M.; CABRAL, I. (orgs.). *Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020. Disponível em: http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Ensinar_e_aprender_em_tempos_de_COVID_19.pdf?fbclid=IwAR0Kgfz1-c9-Qk6Z1-OpG-1405Gu4hyLb8w3e8JnuA2hnbuxYQByPW72jBaw. Acesso em: 27 mai. 2020.
- CITELLI, A. (2015). Tecnocultura e educomunicação. *Rizoma*. Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 63, dezembro. ISSN 2318-406X. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma>. Acesso em: 12 out 2020.
- CITELLI, A.; FÍGARO, R.; NONATO, C. Editorial. *Revista Comunicação & Educação*. XXV– n. 2 – jul/dez 2020. São Paulo: CCA-ECA-USP-ÁGUIA, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/11915/1993>. Acesso em: 19 jul. 2021.
- CITELLI, A. Faces e interfaces educacionais. *Revista Triade. Comunicação, Cultura e Mídia*. v. 9, n. 20, p. 6-23, Sorocaba: UNISO, 2021. Disponível em: <https://uniso.br/ojs/index.php/triade/issue/view/301>. Acesso em: 19 jul. 2021.
- CITELLI, A. (Org.). *Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares*. Ilhéus: Editus, 2021. Edição eletrônica. <https://doi.org/10.7476/9786586213379>.
- COSTA, J. Prefácio. In: ALVES, J. M.; CABRAL, I. (orgs.). *Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020. Disponível em: http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Ensinar_e_aprender_em_tempos_de_COVID_19.pdf?fbclid=IwAR0Kgfz1-c9-Qk6Z1-OpG1405Gu4hyLb8w3e8JnuA2hnbuxYQByPW72j-Baw. Acesso em: 27 mai. 2020.
- FIGUEIREDO, J. M. B. de. 2018. *Hawkins e o Mundo Invertido: Análise dos mundos possíveis de Stranger Things*. João Pessoa, PB. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. 100 pp. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18753>. Acesso em 09 jun.2021
- GOMES, J. C.; THOMÉ, Z. R. C. Educação a Distância em Tempos de Pandemia: Entre os Híbridos e Agenciamentos de uma Experiência. *EaD em Foco*, v. 10, n. 3, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1060>. Acesso em: 11 out. 2020.
- GOMES, S. M. M.; BAPTAGLIN, L. A. A Universidade Federal de Roraima: educação e a tecnologia *mobile* em tempos do Covid-19. *Revista Observatório*, Palmas, v. 6, n. 3 (Especial 1), p. 1-17, maio 2020 DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2020v6n3a11pt>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/10561/17531>. Acesso em 12 out 2020.
- HAESBAERT, R. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LATOUCHE, S. *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

- MIJOLLA-MELLOR, S. O medo e o tédio no confinamento. *Cadernos de Psicanálise* (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 42, n. 42, p. 117-134, jan./jun. 2020. pp. 117-134. Trad. Marília Etienne Arreguy. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v42n42/v42n42a08.pdf>. Acesso em: 13 jun 2021.
- OLIVEIRA, S. S.; SILVA, O. S. F.; SILVA, M. J. O. Educar na Incerteza e na Urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. *Interfaces Científicas*. v.6. n.1, p.25-40, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p25-40. Número temático. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9239/4127>. Acesso em: 06 set. 2020.
- O'NEIL, C. *Algoritmos de destruição em massa. Como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Santo André: Rua do Sabão, 2020.
- PIKETTY, T. *Capital e ideologia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- PRAZERES, M.; GIL, C.; LUZ-CARVALHO, T. Do presencial ao remoto emergencial: trânsitos da educação infantil na pandemia. *Linhas Críticas*, [S. l.], v. 26, 2021. DOI: 10.26512/lc.v26.2020.36262. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36262>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- RICHMOND, G.; CHO, C.; GALLAGHER, H. A.; HE, Y.; PETCHAUER, E. (2020). The Critical Need for Pause in the COVID-19 Era. *Journal of Teacher Education*, 71(4), 375–378. <https://doi.org/10.1177/0022487120938888>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0022487120938888#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 03 out. 2020.
- ROSA, H. Seminário Internacional. Ressonâncias e convivialidades – com Hartmut Rosa e Alain Caillé. Ateliê de Humanidades e Centro de estudos Avançados da UFPE. 08 jun. 2021. Disponível em: <https://ateliedehumanidades.com/2021/05/28/live-ressonancias-e-convivialidades/>. Acesso em: 8 jun. 2021 e 04 ago. 2021.
- ROSA, H. Entrevista concedida ao jornal *Der Tagesspiegel*. Edição de 20.mar.2020. Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/politik/soziologe-hartmut-rosa-ueber-covid-19-das-virus-ist-der-radikalste-entschleuniger-unserer-zeit/25672128.html>. Acesso em: 19 Jul. 2021.
- ROSA, H. *Alienación y Aceleración - hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía*. Buenos Aires: Katz, 2016.
- ROSA, H. *Social Acceleration. A New Theory of Modernity*. New York: Columbia Press University, 2013.
- SANTOS, B. S. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.
- SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094>. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- SARTORI, A. Ecosistema educacional: comunicação e aprendizagem em rede. *Revista Linhas*. Florianópolis: v. 22, n. 48, p. 62-79, jan./abr. 2021.
- SODRÉ, M. *A sociedade incivil – mídia, liberalismo e finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- STRANGER THINGS. Temporada 1. Produção: Karl Gajdusek, Cindy Holland, Brian Wright, Matt Thunel, Shawn Levy, Dan Cohen, The Duffer Brothers, Iain Peterson. Direção: The Duffer Brothers, Shawn Levy. Netflix. Estados Unidos, 2016 (42-62min).
- TELES, E. Mídias e tecnologias na interface Educação e Comunicação. Curso ofertado entre 29/9/2020 e 04/12/2020 via remota pelos Grupos de Pesquisa Polifonia (UNEB) e MECOM (USP) e RadioEdu. Universidade Estadual da Bahia, 2020.
- ZUBOFF, S. *A era do capitalismo de vigilância. A luta por um futuro humano na nova fronteira do conhecimento*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.